

Reminiscências do vivido: *Carnaúba de Pedra revisitada*

Telma Maria Vieira

Docente da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba.
Doutora em Comunicação e Semiótica: Literatura, pela PUC-SP.
E-mail: telma.vieira@fatec.sp.gov.br

Recebido: 10 out. 2021

Aprovado: 23 nov. 2021

Resumo: Resenha da obra *Carnaúba de Pedra* (2021), de Wilton Garcia, publicada pela Hagrado Edições. Trata-se de quatorze narrativas em que o autor recupera, por meio de memória ancestral, traços de valores culturais de brasilidade, tanto de sua história particular quanto de todos nós. Recomendado ao leitor curioso acerca do passado originário na afrodescendência, que caracteriza a maioria dos brasileiros.

Palavras-chave: Ancestralidade. Afrodescendência. Simbolismo. Valores. Brasilidade.

Abstract: Review of the book *Carnaúba de Pedra* (2021), by Wilton Garcia, published by Hagrado Edition. These are fourteen narratives in which the author recovers, through ancestral memory, traces of cultural values of Brazilianness, both from its particular history and from all of us. Recommended to readers who are curious about the origins of Afro-descendant past, which characterizes most Brazilians.

Keywords: Ancestry. Afro Descent. Symbolism. Values. Brazilianness.

Resumen: Revisión del trabajo *Carnaúba de Pedra* (2021), de Wilton García, publicado por Hagrado Edições. Se trata de catorce narrativas en las que el autor recupera, a través de la memoria ancestral, rastros de valores culturales del ser brasileño, tanto de su historia particular como la de todos en general. Recomendado para lectores que tengan curiosidad sobre los orígenes de la ascendencia africana, que caracteriza a la mayoría de los brasileños.

Palabras clave: Ascendencia. Ascendencia Afro. Simbolismo. Valores. Brasileño.

Carnaúba de Pedra (2021) é a publicação mais recente de Wilton Garcia. O livro é apresentado em capa com cores sóbrias – tons de cinza –, em que um desenho singular reescreve o próprio título propondo fusão entre mineral e vegetal: uma árvore nasce de uma pedra. A leitura do texto visual e do subtítulo em forma de questionamento – *Onde começa o mundo?* – cria no leitor um horizonte de expectativa para uma leitura que certamente não se esgota no texto.

Nas 100 páginas que se seguem há quatorze capítulos: *Iniciação, Segredo, Pedra, Fogo, Batismo, Espelho, Machado, Julgamento, Trovão, Leão, Gamela, Pilão, Carnaúba de Pedra e Xangô*, que podem ser lidos na ordem de preferência do leitor, pois são independentes. O foco narrativo predominante é de terceira pessoa, exceto nos contos que se ocupam de passagens específicas da vida infantil do narrador-personagem, como: *Fogo, Batismo e Espelho*. Nesses, um visitante sob a regência de Kaô, o nome escolhido por ocasião do batismo e o acidente resultante das traquinagens com irmãos mais velhos são rememorados e descritos com riqueza de detalhes.

A dedicatória da obra é feita à mãe – *filha de Oxalá* –, mas cada capítulo é antecedido por dedicatórias exclusivas a familiares e amigos. Quanto ao gênero, dispensa o rigor da categoria contos, isto é, em meio às narrações emerge escrita própria de ensaísta, certamente reflexo da experiência escritora do autor.

A coletânea apresenta capítulos construídos a partir de relatos de vivências da infância e de rememoração de histórias contadas pelos antepassados. Embora recorra a própria memória e à de familiares mais velhos, o narrador admite que “Há situações na vida que nem mesmo é possível explicar direito os fatos. Não há palavras, discursos ou explicações para o singular”. A consciência quanto à insuficiência do signo linguístico diante de experiências subjetivas manifesta-se nas muitas imagens capazes de expressar as sensações rememoradas em sua plenitude.

A escrita hábil e envolvente oferece passagens de prosa poética que imprimem fluidez à leitura. Além disso, sensação de paz – “A sombra da gameleira branca fornece uma penumbra boa para quem já voltou da lida no Morro Alto, no fim da tarde de quarta-feira de trabalho. O pôr do sol sereno e a luz da lua quase chegam juntos para beijar o chão.” –, ou, às vezes, de sobressalto – “De supetão providencial, um trovão trovejou forte demarcando seu território entre raios e tempestades.”

As imagens auxiliam nas narrações que vão paulatinamente (re)construindo a história do narrador-personagem e de seus antepassados. Também possibilitam que (re)construções históricas brasileiras sejam vislumbradas pelo leitor. Nelas, valores,

crenças e costumes herdados da afrodescendência e reforçados por provérbios como: “Os dedos das mãos são irmãos, mas não são iguais.”, inseridos nas narrativas, ganham o merecido destaque.

A leitura de *Carnaúba de Pedra* impacta pela força do simbolismo, especialmente o religioso cuja estrutura – quatorze textos – imediatamente remete o leitor a associações com *A via crucis do corpo* (1974), de Clarice Lispector. Também estruturada em quatorze contos, a obra lispectoriana estabelece diálogo com as estações da *Via Crucis* – caminho percorrido por Jesus Cristo desde a condenação até o local da execução da pena –, narradas no *Novo Testamento*. Temas como tristeza, solidariedade, dor, amor, morte e nascimento, explorados nas narrativas de Lispector também estão presentes em *Carnaúba de Pedra*. Porém, das semelhanças estruturais surgem as singularidades conteudísticas de cada obra.

As personagens de Clarice Lispector realizam um percurso existencial calcado em Paixão, isto é, sofrimento semelhante ao experimentado por Cristo, no que, segundo a escritora está alicerçada toda existência humana. Por isso estamos diante de uma paródia das quatorze estações narradas no *Novo Testamento*. As quatorze narrativas de *Carnaúba de Pedra* não assumem tom parodístico em relação aos textos dos Evangelhos. Tampouco pretendem destacar exclusivamente a condição de Paixão de todo ser.

As histórias narradas em *Carnaúba de Pedra* destacam-se pela riqueza de experiências advindas do mundo sensível; conhecimentos empírico e metafísico que são descritos pela memória do narrador, fruto de longo período de escuta do autor, e daqueles que, historicamente, os antecederam: Vó Clemência, Vô Tibúrcio, Dona Jovelina, Seu Esmoaldo do Rosário. Pessoas que, por meio da oralidade, cuidaram de transmitir uma sabedoria ancestral que carrega valores de brasilidade, históricos e sacros.

Negritude e mestiçagem emanam dos textos construídos sob aura de forte simbologia da espiritualidade africana, em alusões diretas a entidades como: Oxalá, Xangô, Oyá, Oxum, Obá. Ainda, referências a objetos significativos para a cultura brasileira, como: machado, gamela e pilão, que nomeiam três contos cujos conteúdos reconstroem a condição do negro cativo nas senzalas, vivências de nossa ancestralidade.

Carnaúba de Pedra é uma daquelas obras que chegam em momentos em que, forçados por contingências, refletimos, em meio a um presente instável, acerca de nossas origens e do nosso futuro. Por isso a leitura é recomendada a todos aqueles preocupados com sua condição humana, afinal: somos todos um.

Também merece ser lida por aqueles cuja urgência da juventude faz com que se permaneça no presente, sem pensar no futuro e tampouco no passado. Esses podem ler certos de que as subjetividades dos conteúdos simbólicos não imprimem aos textos tom sombrio, ao contrário são relatos de tradições e diversidades nas quais nossas vozes culturais “falam” com suavidade.

O autor de *Carnaúba de Pedra*, Wilton Garcia, é artista visual com trabalhos voltado à fotografia, vídeos e instalações de arte devidamente reconhecido; em 2020 pelo Prêmio *Funarte Respirarte*, na categoria Artes Visuais. Também dedicado à docência superior, tem em seu currículo várias publicações de caráter científico, tais como: ensaios, artigos e livros cujos temas giram em torno de estudos acerca dos impactos dos multimeios na cultura contemporânea. A condição de cientista preocupado com o presente e o futuro não o afastou de seu passado cujas origens de negritude e mestiçagem, expostas nas quatorze *estações* de sua *via sacra*, revelam que apesar de reconhecer que “o comando do tempo pertence ao próprio tempo” há que se questionar: “Onde começa o mundo?”

Referências

LISPECTOR, C. **A Via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

GARCIA, W. **Carnaúba de Pedra**. São Paulo: Hagrado Edições, 2021.